



SEÇÃO: ARTIGOS

Liturgia e literatura: a ritualização do ato de leitura

Liturgy and Literature: The Ritualization of the Act of Reading

Ângelo Cardita¹

orcid.org/0000-0002-8181-4908
angelo.cardita.1@ulaval.ca

Recebido em: 9/7/2020

Aprovado em: 1/12/2020

Publicado em: 23/12/2020

Resumo: Liturgia e literatura podem confluir em volta da importância que o texto ou, mais concretamente, o livro, assume, tanto no âmbito religioso como no âmbito cultural e estético. Uma certa ritualidade é pressuposta e ativada pela literatura, da mesma forma que a liturgia se relaciona com a Bíblia como seu contexto privilegiado de enunciação crente. Assim, depois de uma entrada teológica no mundo da literatura com o objetivo de determinar as possibilidades de uma teologia literária colocando em evidência a dinâmica e a importância cultural e religiosa da mediação do texto, este estudo concentra-se na comparação entre a ritualização literária e a ritualização litúrgica do ato de leitura.

Palavras-chave: Liturgia. Literatura. Ritualização. Ato de leitura.

Abstract: Liturgy and literature can converge around the importance that the text or, more concretely, the book, assumes, both in the religious and the cultural and aesthetic spheres. A certain rituality is presupposed and activated by literature, in the same way that the liturgy is related to the Bible as its privileged context of believing enunciation. Thus, after a theological entry into the world of literature with the aim of determining the possibilities of a literary theology by highlighting the cultural and religious dynamics and importance of the text mediation, this study focuses on the comparison between the literary and the liturgical ritualization of the act of reading.

Keywords: Liturgy. Literature. Ritualization. Act of reading.

Introdução

O objetivo deste estudo é, como sugere o título, abrir perspectivas para o aprofundamento e a pesquisa da relação entre liturgia e literatura. Por mais espantoso que possa parecer, a liturgia e a literatura partilham mais aspectos do que se percebe à primeira vista. No entanto, a descoberta destes pontos de contato não nos deve fazer esquecer as diferenças que subsistem entre as duas realidades. Isto indica que o nosso método de indagação deve apropriar-se da dinâmica da identidade e da diferença.

Segundo Myriam Watthee-Delmote, uma relação de companheirismo entre a literatura e a liturgia pode revelar-se benéfica para as duas. Se a arte ensina a liturgia a tornar-se significativa (WATTHEE-DELMOTE, 2010, p. 85),² essa pode, por sua vez, ensinar a literatura a significar o mistério. "Podemos dizer que os ritos religiosos ensinam a literatura a significar o mistério, tanto o da transcendência como o da comunicação entre os homens sobre o que ultrapassa o seu entendimento e o seu poder" (WATTHEE-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Université Laval (ULaval) – Québec, Canadá

² Para além de uma eventual tematização da liturgia pela literatura, o companheirismo das duas realidades é mais profundo e, portanto, mais fecundo. A própria literatura é filha do ritual: em todas as civilizações, a arte da escrita começou no âmbito do sagrado. Portanto, muito provavelmente, a emancipação da literatura dá-se a partir de uma experiência ritual que permanece tacitamente como fundo do texto.

DELMOTE, 2010, p. 86, tradução nossa).³ Na conclusão do seu estudo, a autora reconhece que a literatura vive no mesmo isolamento que a religião, diante da estandardização do imaginário. “A esta estandardização do imaginário que pode degenerar em estandardização do vivido, a literatura opõe o quadro claro duma ficção proposta num lugar circunscrito (o livro) e que não se ativa senão pela implicação pessoal do leitor” (WATTHEE-DELMOTE, 2010, p. 235, tradução nossa).⁴ Tal como os sacramentos e a liturgia, o livro é um convite para um encontro singular e pessoal, de tal forma que “religião e literatura, as duas se situam hoje do lado das atividades privadas e identitárias, íntimas e partilháveis – a comparação termina aqui, mas presta-se a reflexão” (WATTHEE-DELMOTE, 2010, p. 235, tradução nossa).⁵

Liturgia e literatura podem, pois, confluir em volta da importância que o texto ou, mais concretamente, o livro, assume, tanto no âmbito religioso como no âmbito cultural e estético (GISEL, 2003, p. 300-301).⁶ A liturgia representa, no entanto, um universo semiótico que vai para além do âmbito textual. É certo que ela se funda em referência a um texto sagrado, respondendo-lhe através da proclamação viva das Escrituras, mas, acima de tudo, a liturgia é de natureza ritual e não propriamente ou exclusivamente textual, ao contrário do que se diria, um pouco ingenuamente, da literatura. Essa parece encontrar no texto e, mais concretamente, nas várias formas cultas e estéticas que o texto escrito assume, o seu centro, o seu lugar específico de realização. No entanto, para além da analogia que poderá existir entre a influência da liturgia na canonização dos textos

bíblicos e o fato que a literatura se constitui pelo reconhecimento do valor (estético, cultural) de certas obras, em uma espécie de sacralização das mesmas, é preciso reconhecer que uma certa ritualidade é pressuposta e ativada pela literatura, da mesma forma que a liturgia é pressuposta pela Bíblia, pelo menos como seu contexto privilegiado de enunciação crente. O cânone bíblico foi ritualmente reunido para ser lido ritualmente; a construção da biblioteca literária da humanidade parece destinar-se a algo muito parecido.

Para desenvolver a problemática inerente a esse tema, impõe-se, antes de mais nada, uma entrada teológica no mundo da literatura, quer dizer, uma sondagem sobre as possibilidades de uma teologia literária que ponha em evidência a dinâmica e a importância cultural e religiosa da mediação do texto. Esse aspecto abrirá para a questão da ritualização e, mais concretamente, da comparação entre a ritualização literária e a ritualização litúrgica do ato de leitura.

1 Entrada teológica

O primeiro teólogo que se propôs rectificar as fronteiras que separam a teologia da literatura foi também um obreiro do movimento litúrgico. Não creio que tenha sido por mero acaso. No seu estudo pioneiro sobre a religião de Péguy, Pie Duployé (1906-1990) define a literatura “como uma certa visão do mundo unida num sistema coerente de imagens que denotam, uma e outra, a personalidade profunda de um autor” (tradução nossa),⁷ definição que contrasta com uma visão teológica de Deus e do mundo expressada em conceitos. No entanto, a Bíblia, a

³ Do original: On peut dire que les rites religieux apprennent à la littérature à signifier le mystère, tant celui de la transcendance que celui de la communication entres les hommes sur ce qui dépasse leur entendement et leur pouvoir.

⁴ Do original: À cette standardisation de l'imaginaire qui peut dégénérer en standardisation du vécu, la littérature oppose le cadre clair d'une fiction proposée en un lieu circonscrit (le livre) et qui ne s'active que par l'engagement personnel du lecteur.

⁵ Do original: [...] [R]eligion et littérature se situent aujourd'hui toutes deux du côté des activités privées mais identitaires, intimes mais partageables – la comparaison s'arrête là, mais prête à réfléchir.

⁶ “Qu'une religion renvoie à un Livre ne va pas de soi. [...] Mais, en christianisme comme en judaïsme, le Livre est constitutif. Il met en forme une ou des histoires; il donne à voir le monde et l'humain; il évoque le Dieu et y répond; il propose des images des origines et des fins. Il construit ainsi un imaginaire. Et, constitutif, le Livre l'est non seulement en ce que cet imaginaire imprègne l'existence de ceux qui en vivent ou en sont habités, mais en ce que leur existence – leur singularité propre, voire leur 'foi' naît et renaît toujours de s'y confronter, en face à face et dans la différence: elle naît de le lire et d'en être décentrée, d'y renvoyer et d'y donner écho, pour soi et *via* de nouveaux textes” (GISEL, 2003, p. 300-301).

⁷ Do original: [...] [S]i l'on accepte de définir la littérature comme une certaine vision du monde liée en un système cohérent d'images qui trahissent l'une et l'autre la personnalité profonde d'un auteur (c'est à peu de choses près la définition qu'en donnait W. Dilthey: un *Bildzusammenhang* arrivant à déterminer un *Weltbild* ou une *Weltanschauung*), on peut admettre, au moins à titre de définition antithétique, la définition suivante de la théologie: une certaine vision de Dieu, et du monde qu'il a créé, en un ensemble cohérent de *concepts* (Duployé, 1965, p. VII-VIII; leia-se também CHENU, 1969, escrito a partir da introdução do livro de Duployé).

primeira grande fonte teológica, representa tanto a condescendência linguística de Deus falando a linguagem humana, quanto a exaltação dessa mesma linguagem. Assim, segundo Duployé, a relação da teologia com a Bíblia faz dela literatura. Trata-se, no fundo, de reabilitar uma teologia simbólica constituída a partir da "mais sólida unidade formal entre a Bíblia, a teologia e a literatura" (tradução nossa).⁸

No dia em que a teologia deixou de ser simbólica, a era das grandes dissociações abriu-se para a cultura cristã. Não tendo mais contacto com a cultura que a transportou, – a cultura bíblica, – a teologia, bem mais radicalmente, perde a capacidade de viver em simbiose com toda a cultura humana, seja ela qual for, e antes de mais com a cultura antiga. Os símbolos nunca se medirão aos conceitos. A relação que a teologia mantém com as imagens e a literatura (*Weltanschauung*) de uma época define exatamente a relação que a teologia mantém com a cultura dessa época (tradução nossa).⁹

Apraz-me pensar, mesmo sem ter a possibilidade de o demonstrar, que esse diagnóstico, provocante e atual, ainda hoje, foi ganhando consistência no espírito de Duployé devido à sua implicação litúrgica. Este estudo renderá, pois, a devida homenagem a esse liturgista francês, pio de nome, pensamento e ação, pondo em evidência o pressuposto litúrgico, simbólico e ritual, da relação da teologia com a cultura. Mas a nossa entrada teológica neste tema deve deter-se ainda um pouco na proposta de uma teologia literária.

1.1 Teologia literária

Dando continuidade ao projeto de Duployé, Jean-Pierre Jossua vê na literatura uma possibilidade de diálogo, aberto e franco, assim como de partilha cultural, para além do exílio de uma teologia reduzida a uma subcultura clerical. Não se trata, segundo Jossua, de uma recuperação após as percas da secularização, nem de uma nova apologética, mas de um trabalho criativo e de pesquisa, assumindo com seriedade posição no terreno da cultura atual, isto é, no espaço

[...] das criações de inteligência e de beleza que se difundem e se transmitem a leitores, ouvintes, visitantes, espectadores, para os transformar profundamente. Ora, é aqui que o fosso cultural entre a subcultura católica e a cultura em geral se fez sentir no passado com mais intensidade. É aqui, pelo contrário, na cultura pluralista atual, que a arte, a literatura, o cinema poderiam constituir espaços privilegiados de confronto e de comunicação. Se os cristãos devem mostrar pela imagem (poética, plástica) e mais largamente pelas letras um interesse fundamental, que se relaciona com o próprio modo da Revelação e com a importância da Escritura bíblica, eles podem também encontrar aí um dos lugares favoráveis – não certamente o único! – para um diálogo situado sobre um terreno comum e fora do campo religioso. Porque a literatura e a arte fizeram da nossa cultura o objeto de um enorme investimento desde o final do século XVIII, que por vezes exibiu um aspecto religioso, por vezes representou a busca de experiências espirituais vivas, por vezes afirmou-se como uma espécie de religião alternativa. E se escutarmos verdadeiramente estes interlocutores, se os aceitarmos na sua diferença, com a máxima compreensão e respeito possíveis, sem os julgar à luz dos nossos princípios nem tentarmos sínteses englobantes – o "religioso", o "sagrado", o "humanismo", etc. – que não respeitam a especificidade de nenhuma das partes, este diálogo representará um dos momentos, um dos exames essenciais da mu-

⁸ Do original: C'est la pensée symbolique qui constitue l'unité formelle la plus solide entre la Bible, la théologie et la littérature (Duployé, 1965, p. X).

⁹ Do original: Le jour où la théologie a cessé d'être symbolique, l'ère des grandes dissociations est ouverte pour la culture chrétienne. N'ayant plus de contact avec la culture qui l'a portée, – la culture biblique, – la théologie, bien plus radicalement, perd la puissance de vivre en symbiose avec toute culture humaine, quelle qu'elle soit, et avant tout avec la culture antique. On ne mesurera jamais des symboles à des concepts. Le rapport que la théologie soutient avec les images et la littérature (*Weltanschauung*) d'une époque définit exactement le rapport que la théologie soutient avec la culture de cette époque (Duployé, 1965, p. XI). É interessante comparar este trecho com a reescritura que faz Chenu do mesmo. "Le jour où la théologie cesse de se nourrir de symboles, et, pour partie de son épistémologie, d'être symbolique, l'ère des grandes dissociations est ouverte pour la «culture» chrétienne. N'ayant plus de contact avec la culture qui la porte – la culture biblique –, la théologie [...] perd l'une de ses immanentes ressources de vivre en symbiose avec toute culture humaine, quelle qu'elle soit, et déjà avec la culture antique, qui fut son premier terreau. [...] Le rapport que la théologie soutient avec les images et la littérature [...] d'une époque est l'un des éléments majeurs du diagnostic à porter sur le rapport que la théologie soutient avec la culture de cette époque" (Chenu, 1969, p. 77). As retificações de Chenu estão longe de serem inocentes e denunciam, na minha opinião, as dificuldades da mediação teológica em relação a toda a imediatez "simbólica".

dança de atitude dos cristãos ao sair da difícil liquidação da cristandade (tradução nossa).¹⁰

Jossua privilegia os escritores e as produções não religiosas, pois, segundo ele, aí se encontram maiores possibilidades de uma linguagem de fé verdadeiramente nova. Essa opção relaciona-se com as dificuldades de partir da confissão de fé e da sua linguagem clássica para atingir a experiência ou a existência reais, a começar pela própria experiência de Jossua, que ele mesmo descreve como um fosso entre o ensino da teologia e a sua paixão pela leitura. Esse fosso fez dele um teólogo – mas também um crente e um intelectual – “insatisfeito”,¹¹ muito particularmente com o estilo intelectual da subcultura clerical que (ainda) caracteriza a teologia. Assim como em Duployé, a entrada teológica no campo literário encontra a sua motivação em uma autocrítica do estilo dogmático, explicativo, conceitual, de uma teologia culturalmente exilada.

A teologia literária habita a tensão para a qual T. R. Wright já tinha chamado atenção, referindo muito concretamente o aspecto antiteológico da literatura e da poesia, pela sua recusa a estabilizar os significados e a restringir as emoções.¹² É preciso que o teólogo atravesse essa tensão, sem cair no seu aspecto falacioso. Quando Roland Barthes identifica a morte do autor com a morte de Deus como o resultado de constantes possibilidades de novas significações do texto,

ele fá-lo não só empregando um estilo de escrita conceitual, mas também estabilizando teoricamente a instabilidade semântica do texto. Por outras palavras, Barthes assume a mesma atitude diante do texto que ele denuncia como “teológica”. Ele fecha o significado do texto – de todo e qualquer texto – com o princípio teórico da sua abertura infinita. Assim, cada um poderá encontrar significados diferentes no mesmo texto, sem os poder fixar como significados do texto. Esses escaparão sempre a qualquer tentativa de estabilização. Da mesma forma, Julia Kristeva denuncia a supressão emotiva causada pela racionalidade transcendental e considera, por isso, que entre a religião e a poesia só pode haver inimizade. No entanto, ela exprime-se de forma racional e sistemática e, portanto, nos mesmos termos da inimiga da poesia que é a religião. Não se pode habitar a tensão entre razão e emoção, pensamento e ação, teoria e prática, teologia e literatura, denunciando a unilateralidade e os limites de um dos polos nos termos do polo contrário. Essa é a melhor maneira de permanecermos encurralados na prisão da qual nos julgamos já libertados.¹³

No âmbito teológico, a teologia litúrgica surgiu como a promessa de uma teologia experiencial, prática, simbólica, uma *theologia prima* que substituiria finalmente toda a teologia de segunda ordem, conceitual, dogmática, racionalizante

¹⁰ Do original: [...] [D]es créations d'intelligence et de beauté qui se diffusent et qui se transmettent à des lecteurs, auditeurs, visiteurs, spectateurs, pour transformer ceux-ci en profondeur. Or c'est ici que le hiatus culturel entre la sous-culture catholique et la culture tout court s'est fait sentir dans le passé au plus haut degré. C'est ici, à l'inverse, dans la culture pluraliste actuelle, que l'art, la littérature, le cinéma pourraient constituer des espaces privilégiés de confrontation et de communication. Si les chrétiens doivent porter à l'image (poétique, plastique) et plus largement aux Lettres un intérêt fondamental, qui tient au mode même de la Révélation et à l'importance de l'Écriture biblique, ils peuvent aussi y trouver un des lieux les plus favorables – non certes le seul! – pour un dialogue situé sur un terrain commun et hors du champ religieux. Car la littérature et l'art ont fait dans notre culture l'objet d'un immense investissement depuis la fin du XVIII^e siècle, qui tantôt a eu une portée religieuse, tantôt a représenté la recherche de vivantes expériences spirituelles, tantôt s'est affirmé comme une sorte de religion alternative. Et si l'on écoute vraiment ces interlocuteurs, si on les accepte dans leur différence, avec plus de compréhension et de respect possibles, sans les juger à la lumière de nos principes ni de tenter des synthèses englobantes – le 'religieux', le 'sacré', l' 'humanisme', etc. – qui ne respectent la spécificité d'aucune des parties, ce dialogue représentera un des moments, un des tests essentiels du changement d'attitude des chrétiens au sortir de la difficile liquidation de la chrétienté (Jossua, 2000, p. 19).

¹¹ “Je travaillais, disais-je, comme théologien : j'enseignais, je publiais, et je m'étonnais que si peu de communication se produisit entre ce labeur, où entrerait toute une part de moi-même, et le goût, la connaissance de la littérature qui en incorporait une autre part. Sans doute cette déception n'était-elle que l'un des aspects d'une crise intellectuelle bien plus large. En effet je devenais, dans ces années, un 'dogmaticien insatisfait'. Ne serait-ce que parce qu'un autre hiatus existait entre l'enseignement de la théologie, élaboration spéculative et systématique du donné de la foi ou des mœurs chrétiennes, et l'expérience croyante, foi et pratiques; entre le construit et le vécu; entre l'idéologie et le réel psychologique et social : trois points de vue assez différents sur une même distorsion dont je prenais peu à peu conscience. Comme croyant, dans le profond renouvellement qui s'opérait alors dans la vie chrétienne et ecclésiale. Comme théologien sensible à d'autres registres philosophiques que celui, constructif et systématique, de la scholastique. Comme intellectuel ouvert aux sciences humaines. Comme littéraire déçu de la place nulle faite au symbole et au récit” (Jossua, 2000, p. 28).

¹² WRIGHT, 1988, p. 4-5; referindo-se à literatura como lugar da morte do autor e, correlativamente, da morte de Deus (Roland Barthes), e à poesia como inimiga da religião (Julia Kristeva).

¹³ Significativamente, Wright conclui afirmando que, na literatura, os significados nunca são definitivos, mas, ainda assim, a teologia deverá continuar o seu trabalho de exploração e clarificação da linguagem (Cf. Wright, 1988, p. 12-13).

(FAGERBERG, 2004). A liturgia parece assim ter-se constituído em objeto de interesse teológico devido ao seu carácter vivo, tal como a literatura para Jossua. Mas a liturgia é chamada a falar a linguagem da confissão de fé e, na maior parte das vezes, fá-lo ainda no estilo da subcultura clerical denunciado por Jossua. Estará a liturgia condenada à irrelevância linguística e à banalidade expressiva, apesar dos esforços da reforma litúrgica ou, talvez mesmo, por causa deles? Deveríamos talvez abandonar a liturgia de vez e investir noutras atividades, como a literatura e até mesmo a literatura não religiosa, capazes de renovar verdadeiramente a linguagem da fé? Vamos tentar desatar esse nó górdio, a partir da questão da mediação do texto no âmbito da literatura.

1.2 A mediação do texto

Do ponto de vista do escritor, a literatura implica o ato da escrita, isto é, da codificação do sentido; do ponto de vista do leitor, é o ato de leitura, quer dizer, da constituição do sentido, que caracteriza a relação com o texto. Assim, a literatura não resulta apenas da cristalização de um gesto criativo, mas ela é também a possibilidade de uma recriação. A literatura implica tanto o ato da escrita quanto o ato de leitura de um texto. No entanto, um escritor não cria apenas um texto, mas, com ele, um mundo imaginário, o "mundo do texto" no qual o leitor é convidado a entrar e a habitar, por meio do ato de leitura. O escritor e o leitor encontram-se graças à mediação do texto; melhor, eles encontram-se no interior do próprio texto.

A liturgia implica dinamismos análogos, mas, desde o ponto de vista da *mise en scène* ritual, eles parecem ser mais complicados. Neste sentido, a liturgia parece ter mais analogias com o teatro do que com a literatura; ou, talvez melhor, a analogia que liga a literatura à liturgia se encontre nas relações entre a literatura e o teatro. Estou convencido de que a passagem da literatura ao

teatro é instrutiva para o encontro da literatura e da liturgia, mas creio igualmente que essa relação se pode explorar em si mesma. Seria certamente redutor pensar a liturgia apenas como um texto que se transforma em representação ou encenação. De resto, é igualmente redutor pensar a relação da literatura com o teatro da mesma forma. A liturgia é tanto uma prática social de leitura quanto a leitura de uma prática social.

A liturgia pode ser normativamente descrita por um texto, isto é, por um "programa ritual" orientado para a encenação da ação ritual. Este programa ritual pode incluir, e inclui de fato, a leitura e a proclamação de textos. Para além disso, a própria liturgia pode ser interpretada como um texto, isto é, como um conjunto de signos significativos. Neste sentido, o "mundo do rito" seria análogo ao "mundo do texto", mas enquanto a entrada no "mundo do texto" se faz prevalentemente pela leitura, a entrada no "mundo do rito" se faz pela implicação nos vários códigos linguísticos que constituem o rito: para além de textos, no rito, temos também cantos, aclamações, gestos, símbolos, ações. Aparentemente, desde este ponto de vista, a leitura de um texto – e também de um texto literário – concentra-se quase exclusivamente em uma atividade mental, enquanto a leitura de uma ação ritual implica também a atividade corporal. Para além disso, pode ter-se a impressão de que a leitura de um texto literário é quase sempre individual, enquanto a maior parte dos ritos são comunitários. "Aparentemente", porque a leitura, mesmo silenciosa, é sempre influenciada pelo ambiente externo (aquilo que *hors texte* influencia a leitura; GOULEMOT, 1985), da mesma maneira que a ritualidade se relaciona sempre com uma experiência de sentido – ainda que, por vezes, não imediatamente percebida – subjetivamente coagulada.

2 A ritualização: o texto em ação

A noção de ritualização¹⁴ pode ajudar-nos a perceber melhor as dimensões intersubjetivas

¹⁴ Aplicamos aqui esta noção elaborada por Catherine Bell no seu sentido primário de diferenciação. "This foregoing elaboration of the basic principle of privileged differentiation expressed in what and how something is done is not the sole characteristic of ritual action. I regard it as basic here for how it highlights a fundamental strategic and contextual quality of ritual action. By virtue of this quality, what is ritual is always contingent, provisional, and defined by difference. From the perspective of ritualization the categories of sacred and profane appear in a different light. Ritualization appreciates how sacred and profane activities are differentiated in the performing of them, and thus how ritualization gives rise to (or creates) the sacred as such by virtue of its sheer differentiation from the profane" (Bell, 1992, p. 91).

da literatura, bem como a valorizar os aspectos subjetivos da liturgia. Isto a partir da diferenciação que constitui cada uma das duas realidades assim como da que caracteriza a sua relação. A confluência que pode ajudar-nos a entrar no terreno comum à literatura e à liturgia dá-se em torno do texto, isto é, do livro. Se percebermos as operações rituais em torno do livro, isto é, do artefato literário, perceberemos também a identidade e a diferença em relação às operações em torno da "Bíblia litúrgica" (CHAUVET, 2006) e poderemos mesmo alargá-las para compreender melhor as operações rituais litúrgicas em geral.

2.1 A ritualização literária

A ritualização literária pode ser descrita sumariamente como uma comunicação entre um escritor ou um autor e um leitor (potencial ou real), uma comunicação cristalizada em um texto, na sua materialidade física (livro) e formal (gênero ou forma literária). Essa descrição é aceitável, mas não é exaustiva, nem a melhor. O autor/escritor não deseja apenas comunicar, nem somente dialogar com o leitor, mas reconfigurar o mundo através do texto, mais concretamente, através do ato da escrita. Assim, correlativamente, o ato de leitura não se pode reduzir à tentativa de perceber a mensagem ou o conteúdo que o autor/escritor tem a transmitir, mas deve ser concebido como uma verdadeira participação no ato criativo. Ler é aceitar o convite para entrar em um mundo diferente. Ler é, portanto, uma passagem do prosaico ao simbólico, do quotidiano ao maravilhoso, uma passagem que tem no livro o seu pórtico. Abrir o livro é abrir as portas que conduzem ao imaginário, não ao mundo tal como é ou o percebemos, mas ao mundo tal como ele *poderia* ser. Concebido em correlação ao ato da escrita, o ato de leitura é análogo aos ritos iniciáticos e aos ritos de passagem, configurando um momento de liminaridade que já tinha começado com o ato criativo. Portanto, a ritualização literária não é apenas um ato comunicativo, mas, mais radicalmente, um ato

de criação intersubjetivo que une os autores/escritores e os leitores que fazem do livro a sua casa, ainda que apenas momentaneamente. A comunidade de leitura de Stanley Fish (1980) é, na verdade, uma comunidade mística, uma comunhão de leitores que levam a narrativa literária à sua plenitude na medida em que entram no mundo do livro. Neste sentido, o livro é o símbolo objetivo do encontro de várias subjetividades no ato de leitura.

Concentremo-nos, portanto, na leitura como produção de sentido. Segundo Jean-Marie Goulemot, um leitor entra em relação com um livro, mobilizando a fisiologia, mas também uma história e uma biblioteca. O ato de leitura começa pela fisiologia, isto é, por uma determinada forma de posicionar o corpo (sentado, recostado, na toilette, em público, na intimidade etc.). O corpo leitor é um corpo institucionalmente investido. Uma coisa é ler um texto em voz alta na escola, outra é ler sozinho no quarto, outra ainda é ler na Igreja. As atitudes que comandam a relação com o livro são possibilidades de constituição do sentido, mas o próprio livro induz uma posição e um lugar de leitura. Cada tipo de livro constitui o seu próprio espaço de leitura.

A determinação sociocultural do ato de leitura tem ainda uma dimensão histórica que se manifesta no impacto de certos modelos narrativos nos leitores em interação com os acontecimentos sociais e políticos de um determinado momento, em um certo contexto. Para além da história dos acontecimentos, também a histórica mítica influencia o ato de leitura, colocando-o sob o horizonte de um destino nacional, de um desejo coletivo, de uma utopia social ou religiosa.

Finalmente, quando se abre um livro, também se abre ao espírito do leitor a sua "biblioteca vivida, quer dizer, a memória das leituras anteriores e das referências culturais" (tradução nossa).¹⁵ A leitura faz-se, pois, através de modelos e de códigos narrativos já encontrados que nos permitem entrar no texto e compreendê-lo. Essa biblioteca vivida

¹⁵ Do original: Lire, ce serait donc faire émerger la bibliothèque vécue, c'est-à-dire la mémoire des lectures antérieures et des données culturelles" (Goulemot, 1985, p. 122).

é pessoal e social, e faz do texto um rendilhado de outros textos, um produto intertextual.

2.2 A ritualização litúrgica do ato de leitura

A ritualização litúrgica assume o carácter de um ato explícito de leitura comunitário. Mais concretamente, o ato de leitura na liturgia estrutura-se à volta da proclamação das sagradas escrituras.¹⁶ Neste caso, o leitor que proclama o texto em voz alta fala desde o interior do texto, emprestando-lhe o seu próprio corpo ou, pelo menos, unindo-se ao texto na qualidade de narrador-declamador. Na liturgia, o ato de leitura representa não só a ressurreição da mensagem do texto, mas também a sua encarnação. Na liturgia, portanto, a forma (texto) não se relaciona com o conteúdo (mensagem) como uma moldura ou um recipiente externo e extrínseco. Pelo contrário, na liturgia, a forma (textual e ritual) faz parte do conteúdo (da Palavra de Deus viva). Assim, a proclamação de um trecho do Evangelho, por exemplo, não é simplesmente um momento preliminar, de tipo comunicativo, à compreensão do seu sentido, mas a sua realização, o seu cumprimento, "hoje" (Lc 4, 21). A semiótica da comunicação é claramente insuficiente para dar razão da ritualização litúrgica do ato de leitura, pois este é sempre uma ressurreição simbolicamente encarnada. A dinâmica ritual litúrgica entende-se melhor em termos de mediação, de resto tal como a própria dinâmica literária. Neste sentido, a literatura não é senão uma liturgia secularizada, com o eixo fundamental no imaginário subjetivo que é ativado pelo leitor. É uma liturgia secularizada, não porque não fala de Deus, mas porque a sua dimensão intersubjetiva é, na maior parte das vezes, simplesmente pressuposta ou latente. A ritualização litúrgica não faz senão trabalhar de forma explícita essa realidade latente na literatura. A liturgia é, neste sentido, a plenitude da literatura. Mas isso não quer dizer que só a literatura ganhe alguma coisa em relação com a liturgia. Na

verdade, a literatura é também uma secularização da liturgia no sentido da subjetivação e, portanto, da descoberta e da construção da identidade. "Ler é ler-se e dar-se a ler", afirma Goulemot (1985, p. 126, tradução nossa).¹⁷ Assim, a liturgia pode encontrar na literatura um modelo de respeito e de fomento das individualidades modernas e pós-modernas.

É fácil de ver o aspecto fisiológico da leitura em ação na liturgia. Por um lado, há uma série de comportamentos exigidos, isto é, ritualmente regulados, dos leitores litúrgicos, desde a maneira de se dirigir para o ambão, passando pela posição corporal a assumir, até à forma de articular e expandir a voz. Por outro lado, a própria liturgia como espaço de leitura é um efeito da Bíblia, a qual, por sua vez, é lida segundo uma determinada ordenação litúrgica.

Para ilustrar o aspecto histórico da leitura da Bíblia, basta recordar como os anos 1960 testemunharam o aparecimento de leituras materialistas dos Evangelhos, de cunho intelectual, enquanto hoje proliferam as leituras exotéricas, de cunho gnóstico. Essas diferentes influências históricas afetam também a dimensão ritual, tal como o próprio estilo celebrativo ajuda a documentar. As liturgias dos anos 1960 queriam-se politicamente responsáveis e libertadoras, enquanto hoje se abandonam à "pentecostalização".

No que respeita à história mitica, a Bíblia tem seguramente um lugar privilegiado como livro em que se conta uma história de salvação, em que se contemplam as origens do mundo e em que se anunciam as coisas futuras, nomeadamente o regresso de Cristo, erigido assim em ponto culminante da história da salvação que tudo recapitula. A liturgia é um fator essencial na transmissão desse aspecto mitico, incluindo sempre a leitura do Evangelho, proclamado como realização plena daquilo que Moisés e Elias anunciaram, concretizada em seguida no sacramento da presença real.

¹⁶ A proclamação das escrituras na liturgia relaciona-se também com a declamação (Salmo responsorial), o comentário (homilia) e a oração, num crescendo aberto ao canto, à gestualidade (procissão), que culmina na profissão de fé (credo). O dinamismo da Liturgia da Palavra é ampliado na Liturgia eucarística, nomeadamente com a Oração Eucarística, cujo coração é constituído pela citação anamnética e epiclética das Palavras de Cristo na última ceia.

¹⁷ Do original: [...] (L)lire, c'est se lire et se donner à lire.

Finalmente, enquanto cânone, a Bíblia é já uma biblioteca e, portanto, cada livro, cada versículo, ressoa não só nas passagens "paralelas", mas também no conjunto. Quando lida em contexto litúrgico, esta intertextualidade é ampliada na medida em que o texto bíblico ressoa nos demais textos e gestos litúrgicos, da mesma forma em que esses condicionam a sua compreensão. A extensão e a interação intertextuais da Bíblia no campo literário (sobre a intertextualidade bíblica na literatura, GISEL, 2003, p. 310-315) constituem também um fator a considerar.

Não se chega culturalmente virgem à liturgia, da mesma forma que não existe uma relação religiosamente neutra com a literatura. A secularização não anula essa relação. Transforma-a, recalca-a, tanto do ponto de vista religioso quanto cultural. Só assim é possível que uma visão religiosa do mundo se afirme na total impermeabilidade à realidade social e histórica, culminando no fundamentalismo. Na verdade, essa atitude constitui um reflexo invertido e, portanto, pervertido de uma sociedade secularizada que se quer completamente libertada da religião. Neste contexto, a ritualização literária e a ritualização litúrgica tendem a ignorar-se sem reconhecer que se estruturam e consolidam mutuamente. Afinal, a literatura não vive de referências litúrgicas diretas (mesmo que as possa incluir), da mesma forma que a liturgia não se destina a dar voz a textos profanos (embora não seja de toda uma impossibilidade). Essa perspectiva é objetivante. Trata a literatura e a liturgia como coisas e não como experiências (daí a dificuldade em integrar as exceções, reconhecendo marcas de presença litúrgica e religiosa na literatura ou aceitando manifestações literárias não religiosas na liturgia). A experiência bíblica é também e fundamentalmente uma experiência litúrgica, por isso, a experiência ritual inclui necessariamente a passagem do texto à ação, a qual é simbolicamente condensada no ato de leitura que constitui e atualiza a comunidade de leitura. A Igreja como comunidade de leitura é sempre uma assembleia litúrgica concreta que proclama, canta, medita e ora, entrando em relação com a Palavra de Deus através das palavras

humanas que se encontram nas sagradas escrituras e nos demais textos da tradição. Essa dinâmica textual interage com a relação que se estabelece com os demais textos culturais. Para explicitar essa interrelação continuamente recalçada, é preciso explorar a ritualização do ato de leitura pondo em evidência o fato que ela configura tanto a experiência literária quanto a litúrgica.

Considerações finais

Os ritos assentam sobre sensações físicas, como ver, tocar, saborear, sentir. A ritualização concentra-se nas ações que produzem essas sensações, dirigindo, no entanto, a atenção para os significados metafóricos da experiência ritual. Por isso, segundo James W. Watts, quando se trata de interpretar os ritos, a sensação física é substituída por metáforas sensitivas (WATTS, 2019). O significado do rito é, pois, o resultado dessa transferência da sensação corporal para o âmbito da significação mental. Oportunamente, os exemplos de Watts concernem os textos e os livros sagrados.

A ritualização dos textos sagrados opera não só com o sentido da vista, mas também com o tacto e a expressão vocal e corporal. Os textos e os livros sagrados tendem a ser valorizados em si mesmos como constituintes da mensagem divina e não apenas como suportes dessa mensagem. São vistos, mais como significantes do que como significados. Por isso, são mostrados, venerados, ritualmente manuseados, proclamados e interpretados. A ritualização religiosa baseia-se nesta rica experiência sensorial, enquanto a leitura normal tende a esquecer a sensação para concentrar-se no significado, radicalizando, portanto, a metaforização ritual por meio do silenciamento das sensações físicas inerentes ao ato de leitura. Esse conjuga a percepção visual do objeto (livro, página, escrita, caracteres) com a sensação tátil (dimensão do livro, nível e tipo de rugosidade da página, alto ou baixo relevo das letras) como lugares do nascimento da interpretação e da compreensão. No entanto, quando se recalca a sensação, começa-se a "ler sem ver" (a visar o significado sem perceber o significante), a "ver sem ler" (a observar o objeto

fora do seu contexto pragmático), a "cantar sem ouvir" (a isolar a dimensão expressiva do rito), a "tocar sem sentir" (a concentrar-se no efeito sem considerar o processo).

Sem uma explicitação da ritualização do ato de leitura, a relação entre a teologia e a literatura será sempre uma conversa de surdos, pois nenhuma das duas estará em condições de reabilitar a experiência sensorial que está na origem dos significados sobre os quais elas discorrem; nenhuma delas conseguirá explicar satisfatoriamente os seus próprios pressupostos ou fundamentar a sua própria pertinência.

Referências

Bell, Catherine. *Ritual Theory, Ritual Practice*. New York/Oxford: Oxford University Press, 1992.

Chauvet, Louis-Marie. Le statut de la Bible liturgique. In: *Della mediazione. Quattro studi di teologia sacramentaria fondamentale*. Assisi/Roma: Cittadella – Pontificio Ateneo S. Anselmo, 2006. p. 68-120.

Chenu, Marie Dominique. La littérature comme "lieu" de la théologie. *Revue des sciences philosophiques et théologiques*, v. 53, p. 70-80, p. 1969.

Duployé, Pie. *La religion de Péguy*. Paris: Klincksieck, 1965.

Fagerberg, David W. *Theologia Prima. What Is Liturgical Theology?* 2. ed. Hillenbrand Books: Chicago, 2004.

Fish, Stanley. *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretative Communities*. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press, 1980.

Gisel, Pierre. Le livre, la vie et la culture en perspective de christianisme. In: GISEL, J.-Christophe Attias – P. (ed.). *De la Bible à la littérature*. Genève: Labor et Fides, 2003. p. 299-316.

Goulemot, Jean-Marie. De la lecture comme production de sens. In: CHARTIER, R. (ed.). *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot & Rivages, 1985. p. 115-127.

Jossua, Jean-Pierre. *La littérature et l'inquiétude de l'absolu*. Paris: Beauchesne, 2000.

Watts, James W. Sensation and Metaphor in Ritual Performance: The Example of Sacred Texts. *Entangled Religions – Interdisciplinary Journal for the Study of Religious Contact and Transfer*, 2019. <https://doi.org/10.46586/er.10.2019.8365>

Watthee-Delmote, Myriam. *Littérature et ritualité*. Enjeux du rite dans la littérature française contemporaine. Bruxelles: P.I.E. Peter Lang, 2010.

Wright, P. T. R. *Theology and Literature*. Oxford: Basil Blackwell, 1988.

Ângelo Cardita

Mestre em Liturgia pelo Instituto Superior de Liturgia (2001) e doutor em Teologia Sistemática pelo Pontifício Ateneu S. Anselmo, em Roma (2006). Realizou pesquisas pós-doutorais na Universidade de Coimbra, na abadia cisterciense de Heiligenkreuz, Áustria, na Universidade Católica de Leuven, Bélgica, e na Universidade Federal de São Carlos, Brasil. Foi professor no Instituto Superior de Liturgia de Barcelona, na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Lusófona de Porto. Atualmente é professor agregado da Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas da Universidade de Laval, Québec, Canadá.

Endereço para correspondência

Ângelo Cardita
Pavillon Félix- Antoine-Savard
2325, rue des Bibliothèques
Bureau 816
Université Laval
Québec – Canadá